



O CONTO AFRICANO CONTEMPORÂNEO DE LÍNGUA PORTUGUESA DE AUTORIA FEMININA

MITHIELE DA SILVA SCARTON ^{1,2}, DEMÉTRIO ALVES PAZ³

1 Introdução/Justificativa

Ao analisar parte da consolidação da literatura africana de língua portuguesa em São Tomé e Príncipe, atentamos à escrita contemporânea de uma mulher que impulsiona o sujeito feminino como protagonista em suas obras. Olinda Beja, autora da obra *Histórias da gravana* (2011), objeto de análise desse trabalho, apresenta aos leitores de seu tempo narrativas que mesclam ficção e História, revelando experiências de vida que transpassam uma simples análise cotidiana de seus leitores, buscando levá-los ao conhecimento da vida santomense.

Assim, em meio ao contexto de um passado doloroso, quando a ilha ainda fervilhava sobre a euforia do cacau, ou em tempos de pós-independência, que fazia sonhar dias melhores, as mulheres serviram, ora como escravas dos senhores brancos e de senhores de sua própria cor e nacionalidade, ora como mães, trabalhadoras na roça ou donas de casa, mas que agora contam histórias de luta e submissão nesse país do meio do mundo.

Em nossa análise fazemos referência às mulheres que vivem sob a dominação masculina, já que temos a figura masculina como soberana, característica historicamente vivenciada por esse sujeito no contexto santomense. Os contos “Os desencontros da língua” e “O pranto do ôssobô”, que são o objeto de análise, fazem-nos recorrer à observação da relação entre mulher e sociedade, em especial à relação com os homens, os quais, por muitas vezes, delineiam o futuro dessas mulheres como veremos nos contos.

2 Objetivos

1 Acadêmica do Curso de Letras da UFFS, campus Cerro Largo, mithielescarton@hotmail.com.

2 Grupo de Pesquisa: Trânsitos Literários.

3 Doutor em Letras pela PUCRS, professor do Curso de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), **Orientador**.



O presente trabalho, relacionado ao estudo desenvolvido pelo projeto de pesquisa “O conto africano contemporâneo de língua portuguesa de autoria feminina” (PROBIC/FAPERGS), tem por objetivo analisar a condição feminina presente em 2 (dois) contos da obra *Histórias da Gravana* (2011), de autoria da escritora santomense Olinda Beja.

3 Material e Métodos/Metodologia

A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica em fonte primária, sendo esta a obra em estudo *Histórias da Gravana*; depois estudos sobre a autora em revistas acadêmicas, anais de congressos e obras coletivas ou individuais de estudos sobre as literaturas africanas de língua portuguesa. Igualmente, buscamos informações em jornais e revistas dos países da escritora, assim como vídeos com entrevistas que estavam disponíveis on-line. Para as análises dos contos, buscamos artigos científicos com dados sobre a situação das mulheres no país e, ainda, obras de escritoras e teóricas feministas como Angela Davis (2017), Marcia Tiburi (2018) e Chimamanda Ngozi Adichie (2014), que fundamentam as análises sobre essa condição da mulher na sociedade.

4 Resultados e Discussão

Em nossa análise, percebemos o poder do homem sobre a mulher em todas as vezes que ela se manteve como objeto. Em “Os desencontros da língua” muitas passagens deixam explícitas as condições que as mulheres da ilha eram submetidas nos tempos da colonização.

Leontina conta diferentes histórias que se sobressaem pelo fato de apresentarem imposições que foram feitas com a chegada dos portugueses, não somente em São Tomé e Príncipe, mas em toda a África lusófona. A avó da personagem contava os dias difíceis, em que a cultura de seu povo foi silenciada, dias nos quais sua língua, o crioulo, dita “língua de trapos” (BEJA, 2011, p.45) não era permitida, somente o Português. Além disso, dá foco às submissões que as mulheres de sua família eram expostas, relacionando-as à figura do homem como autoridade máxima.

Na história, o pai de Leontina é quem obriga o uso do português, acarretando, muitas vezes em violência, esta direcionada a todas as mulheres que ali vivem, em especial à esposa,



que é proibida de ensinar crioulo à filha. Essa violência, segundo Sequeira (2010, p.26), é “vista pelo feminismo como expressão radical da relação hierárquica entre os sexos no núcleo familiar”. Leontina, assim como a avó e a mãe, estava proibida de usar a língua de sua terra, não importa onde estivesse. A perda da própria cultura e da voz desse povo se mostra em forma de tristeza, já que a avó não poderia voltar para a ilha tão amada, nem mesmo ensinar a língua materna para a neta.

No conto “O pranto do ôssobô”, as circunstâncias de um amor proibido são o tema central. Siumara, que fora criada e educada por Maurício Pontes, um dos mais poderosos senhores de cacau, se apaixona por Florival, um dos trabalhadores da fazenda. Siumara queria saber quem era o jovem que ali estava. A partir desse momento, os encontros entre os dois, com a ajuda de Muxima, sua fiel amiga, são recorrentes. Com o rapaz, Siumara descobre o amor, costumes e lendas daquelas terras, em especial a do ôssobô, o pássaro que canta para chamar a chuva, e o canto os acompanhava em todos os encontros.

Siumara é mais uma menina/mulher que tem seu destino traçado por outra pessoa. Seu pai é seu dono, é quem toma as decisões. Essa menina é fruto de um caso fora do casamento, a mãe de Siumara talvez fosse mais uma das mulheres que se sujeitaram cumprir os desejos do “senhor”, e a esposa de Maurício Pontes, a mulher que aceita as traições do marido, como se isso fosse algo natural. Relacionam-se, assim, a vida dessas três mulheres sujeitas às escolhas e caminhos traçados por um único homem.

Um dos personagens da história é livre, vive para lembrar dessa história que há muito aconteceu: “O ôssobô não canta para anunciar a chuva, o ôssobô chora por um drama que há muito presenciou e jamais esqueceu. E essa chuva que dizem que ele chama não é mais que suas lágrimas, essa chuva é o pranto do ôssobô” (BEJA, 2011, p.39). Mitos e lendas, misturados às vivências de mulheres de terras longínquas, transformam-se aqui em contos que encantam quando apresentam realidades que não são nossas, mas que, ao mesmo tempo, nos fazem sentir como parte e personagem de tudo aquilo que experienciam.

5 Conclusão

Com o estudo, há o encontro de relações que estão alicerçadas na sociedade, em especial o



sentimento de poder sobre a mulher. Tais temas precisam ser considerados tendo em vista a importância de discussões que elevem a participação feminina, a fim de contribuir para a construção de novas fronteiras sobre a desmistificação de uma mulher frágil e dependente, com a intenção de perceber que essa feminilidade hoje se constitui de força e luta. Com isso, pensar na liberdade da mulher e do povo, ao nos referirmos à escrita de Olinda Beja como forma de reconhecimento, é criar espaço para diálogo dentro e fora do âmbito acadêmico. Tendo em vista que o sujeito feminino se encontra em constante descoberta de emancipação, de força e, acima de tudo, de responsabilidade por futuras gerações. É importante a descoberta de novas vozes de empoderamento e construção da representatividade feminina, tanto na escrita de obras literárias, quanto como em personagens femininas envolvidas em espaços de luta e resistência.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BEJA, Olinda. **Histórias da Gravana**. São Paulo: Escrituras editora, 2011.

DAVIS, Angela. **Mulheres cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

SEQUEIRA, Victória Cecília Almeida. **A situação das mulheres na sociedade santomense: discriminações de gênero e a participação feminina na esfera produtiva**. Porto Alegre, UFRGS, 2010.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: Para todas todes e todos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Palavras-chave: Conto ; Escrita Feminina ; Literatura Santomense ; Olinda Beja; Feminismo.

Financiamento

PROBIC/FAPERGS.